

Brasil crescerá só 3%

109

A economia brasileira, em 87, não crescerá mais os 7 por cento desejados pelo Governo, que já admite um crescimento em torno de 3 por cento, segundo informações de assessores do Palácio do Planalto, para os quais o Presidente da República vem acompanhando com preocupação a crise que o País atravessa para que a situação não descaíça para uma recessão e permaneça no crescimento positivo.

O Governo, segundo as fontes, na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico, fará uma avaliação crítica da economia nacional para, em seguida, adotar as medidas necessárias ao seu reordenamento, de modo a não estrangular as contas externas e não criar dificuldades maiores para a situação interna, através do crescimento do nível de desemprego. O presidente José Sarney, afirmam os assessores, reconhece a existência de uma crise econômica, mas procura adotar uma linha de equilíbrio pela qual seja possível ao País sobreviver com uma inflação, agora em ritmo de queda, com um nível de crescimento capaz de ser atendido pela oferta.

A única dificuldade que o Governo vem encontrando para reordenar a economia, de acordo com os assessores, ainda se encontra no setor externo, já que não foi possível convencer os credores da necessidade brasileira de estabelecer uma renegociação plurianual para a dívida. "Isso dificulta a definição de todas as demais variáveis econômicas e também políticas do País", observam os assessores do Presidente da República, explicando que os demais setores estão sob controle, citando o próprio caso da inflação, que, a partir deste mês, entrará em linha de declínio. Na parte relacionada com o controle das taxas de juros, o Governo não deverá adotar medidas rígidas, mas definirá uma política pela qual seja possível estimular a poupança com vistas ao aumento dos investimentos nos setores produtivos e, ao mesmo tempo, não deixar que as taxas subam

a patamares que provoquem a queda do consumo e, como consequência, tragam a recessão.

Os assessores do Palácio do Planalto mostram que, apesar das críticas a respeito da crise econômica, o País vem conseguindo alguns resultados positivos, como é o caso do emprego. Os dados do Governo indicam que em nenhuma área o quadro de emprego fica inferior a fevereiro de 1986, antes do Plano Cruzado, quando a economia apresentava ritmo de crescimento. São citados dados da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), segundo os quais, em quatro semanas, abrangendo três do mês de março, o nível de emprego cresceu 0,16 por cento. No comércio, houve realmente queda do ritmo de vendas, em 2 pontos percentuais, apenas no setor de veículos. Mas, nos 12 meses, houve um aumento no faturamento de 1,7%, embora na relação de fevereiro de 86 a fevereiro de 87 tenha havido uma queda de 7 por cento, devido à implantação do empréstimo compulsório.

O dado positivo fica por conta do setor industrial de um modo geral, que, segundo o IBGE, apresentou um crescimento de 12,2 por cento em fevereiro em relação ao mesmo mês do ano passado. Também no setor cimenteiro, o crescimento foi de 30 por cento, na mesma comparação, enquanto o setor de aço apresentou um crescimento de 9 por cento. Isso mostra, segundo os assessores palacianos, que o quadro não é recessivo. Mas, mesmo assim, a situação preocupa o Governo, que terá a necessidade de fazer um monitoramento de perto da economia, porque, muito embora existam indicadores positivos, em alguns setores a situação é preocupante, como ocorre na área dos profissionais autônomos, cujos dados, levados pelo Dieese ao presidente José Sarney durante a reunião da granja do Torto, mostram que o desemprego vem aumentando. Do lado industrial, a preocupação é quanto à queda do consumo de energia.

105